

Seguindo os passos de Karl von den Steinen: uma visita aos Bakairi (Mato Grosso, Brasil)¹

*Bertram Schefold*²

Goethe-Universität Frankfurt a. M.

Resumo: O etnólogo alemão Karl von den Steinen (1855-1929) realizou duas expedições na região do Xingu nos anos 1880, tendo publicado seus relatos sobre a região e seus povos na Alemanha em fins do século 19. Em 1999, o neto de Karl von den Steinen, professor de economia política e história do pensamento econômico na Universidade de Frankfurt a. M., Bertram Schefold, veio ao Brasil para proferir uma série de palestras sobre teoria do capital no Rio de Janeiro e visitou os Bakairi no Mato Grosso. Lá, ele conheceu Vilinta, neta de Antônio, o indígena Bakairi que guiou Karl von den Steinen em sua primeira expedição até as nascentes do Xingu, em 1884. O reencontro entre os descendentes do europeu e de seu guia Bakairi ensejou a elaboração de quatro projetos, que foram anunciados pelo filho de Vilinta, Estevan, no sentido de valorização cultural e aproximação. Entre eles, propunha-se a realização da visita de uma delegação Bakairi ao Museu Etnológico em Berlim. Esse é o relato de Bertram Schefold acerca de sua viagem, traduzido do alemão para o português, de modo a torná-lo acessível aos leitores de língua portuguesa e para contribuir com a disseminação da ideia da viagem dos Bakairi a Berlim, que ainda não foi realizada.

Palavras-chave: Karl von den Steinen; Bakairi; Xingu

SCHFOLD, Bertram. Seguindo os passos de Karl von den Steinen: uma visita aos Bakairi (Mato Grosso, Brasil). Tradução de Tiago Camarinha Lopes (tradutor). *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (18): 195-214, setembro a dezembro de 2021. ISSN: 2358-5587

¹ Uma carta de família, dedicada à memória de minha mãe, Marianne Schefold-von den Steinen, em versão reduzida e trabalhada por Holger Jebens. Publicada originalmente em alemão como “Auf den Spuren von Karl von den Steinen. Ein Besuch bei den Bakairi (Brasilien)”, *Paideuma*, Bd. 49 (2003), pp. 229-248. Traduzida para o português por Tiago Camarinha Lopes (UFG). Revisão técnica: Jaqueline Vilas Boas Talga (UFG).

² Doutor em economia (Universidade de Basel, Suíça), professor emérito e sênior da Universidade de Frankfurt a. M., Alemanha.

Following the steps of Karl von den Steinen: a visit to the Bakairi (Mato Grosso, Brazil)

Abstract: Karl von den Steinen (1855 - 1929), a German ethnologist, undertook two expeditions to the Xingu region in the 1880s, having published his accounts of the region and its people in Germany in the late 19th century. In 1999 Karl von den Steinen's grandson, professor of political economy and history of economic thought at the University of Frankfurt a. M., Bertram Schefold, came to Brazil for a series of lectures on the theory of capital in Rio de Janeiro and visited the Bakairi in Mato Grosso. There he met Vilinta, Antônio's granddaughter, the indigenous Bakairi who guided Karl von den Steinen on his first expedition to the sources of the Xingu in 1884. The reunion between the descendants of the European and his Bakairi guide led to the elaboration of four projects, which were announced by Vilinta's son, Estevan, in the sense of cultural appreciation. Among them, it was proposed that a Bakairi delegation visited the Ethnological Museum in Berlin. This paper is Bertram Schefold's account of this trip, translated from German to Portuguese, in order to make it accessible to Portuguese-speaking readers and to contribute to the dissemination of the idea of the Bakairi trip to Berlin, which has not yet been carried out.

Keywords: Karl von den Steinen; Bakairi; Xingu.

Siguiendo los pasos de Karl von den Steinen: una visita a Bakairi (Mato Grosso, Brasil)

Resumen: El etnólogo alemán Karl von den Steinen (1855-1929) realizó dos expediciones a la región de Xingu en la década de 1880, y publicó sus relatos de la región y su gente en Alemania a finales del siglo XIX. En 1999, el nieto de Karl von den Steinen, profesor de economía política e historia del pensamiento económico en la Universidad de Frankfurt a. M., Bertram Schefold, vio en Brasil en una serie de conferencias sobre teoría del capital en Río de Janeiro para visitar el Bakairi en Mato Grosso. Allí conoció a Vilinta, nieta de Antônio, el indígena Bakairi que guió a Karl von den Steinen en su primera expedición a las fuentes del Xingu en 1884. El reencontro entre los descendientes del europeo y su guía Bakairi llevó a la elaboración de cuatro proyectos, los cuales fueron anunciados por el hijo de Vilinta, Estevan, en el sentido de aprecio cultural. Entre ellos, se propuso visitar una delegación de Bakairi al Museo Etnológico de Berlín. Este es el relato de Bertram Schefold de este viaje, traducido del alemán al portugués, para hacerlo accesible a los lectores de habla portuguesa y contribuir a la difusión de la idea del viaje de Bakairi a Berlín, que aún no se ha llevado a cabo.

Palabras clave: Karl von den Steinen; Bakairi; Xingu.

Apresentação

Tiago Camarinha Lopes³

Tradutor

O texto a seguir originou-se de uma carta de família escrita por Bertram Schefold, dedicada à memória de sua mãe, Marianne Schefold-von den Steinen, filha de Karl von den Steinen. Por iniciativa de etnólogos em Frankfurt a. M., entre eles o professor Holger Jebens, esse texto foi publicado em alemão na revista *Paideuma* como “Auf den Spuren von Karl von den Steinen. Ein Besuch bei den Bakairi (Brasilien)”.

Tendo sido orientando do professor Bertram Schefold na minha graduação em economia na Alemanha, tomei conhecimento das viagens de seu avô Karl von den Steinen ao Brasil e de seu trabalho no campo da antropologia em uma conversa que tivemos em 2008 durante o seminário em história do pensamento econômico que ele conduzia no semestre de inverno em Kleinwalsertal, Áustria. O professor Bertram Schefold me contava que ele mesmo havia estado no Brasil e visitado os Bakairi no Mato Grosso, no final dos anos 1990, refazendo as viagens de seu avô, só que com todas as comodidades de um turista-viajante. Desde então, mantive contato com o professor Bertram Schefold, uma vez que dei seguimento aos estudos de pós-graduação em economia no Brasil, e nossa interação sempre girou em torno de debates da Economia Política teórica, como o problema da transformação dos valores em preços de produção e a obra do economista italiano Piero Sraffa.

Em 2017, contudo, por ocasião da apresentação de um trabalho em um congresso acadêmico em Berlim, reencontrei-me com ele no campus da Universidade de Frankfurt a. M. para almoçarmos juntos. Nossa conversa agora focou no processo de descoberta de toda a vastidão da cultura humana, porque minha companheira, a antropóloga Jaqueline Vilas Boas Talga, que contribuiu com a revisão técnica desta tradução, se juntou ao papo. Foi assim que o professor Schefold lembrou dos projetos de valorização cultural e aproximação entre povos, como a organização da ida de uma delegação dos Bakairi ao Museu Etnológico de Berlim, que emergiram durante aquela expedição em que ele buscou “seguir os passos de Karl von den Steinen”.

Por iniciativa minha, então, propus fazer a tradução do seu relato para o português e submetê-la à Revista *Aceno*. Pedimos licença a todas as pessoas que são nominalmente citadas por terem feito parte da história, uma vez que este texto era uma carta de caráter pessoal endereçada aos familiares e que tomou essa forma de divulgação devido à nossa convicção do caráter humanista, acadêmico e científico desses projetos.

SCHEFOLD, Bertram; CAMARINHA LOPES, Tiago (trad.)
Seguindo os passos de Karl von den Steinen: uma visita aos Bakairi

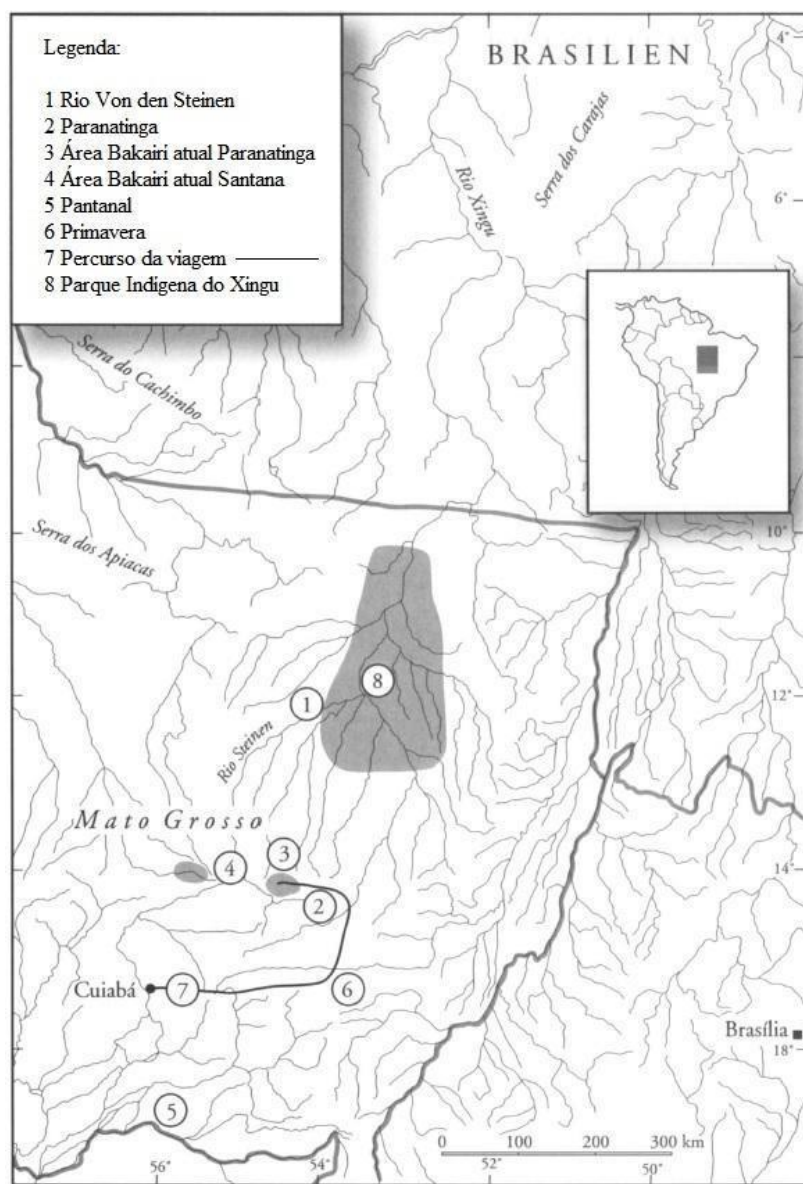
³ Professor da Universidade Federal de Goiás, GO, Brasil. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFG. Mestre e doutor em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia. Tem graduação em *Volks-wirtschaftslehre* (Economia) pela Johann Wolfgang Goethe Universität Frankfurt a.M. (UNI FFM/Alemanha).

Em agosto/setembro de 1999, enquanto professor visitante na Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fiz algumas palestras sobre teoria do capital no idioma inglês. Um dia, meu anfitrião, Franklin Serrano, e sua companheira Maria, me informaram que poderiam talvez atender a um desejo de viagem meu. Eles haviam descoberto na internet o nome do meu avô, Karl von den Steinen, e sua ligação com o povo indígena dos Bakairi. A professora Edir Pina de Barros, uma etnóloga de Cuiabá, a capital do Mato Grosso, estaria à disposição para me colocar em contato com os Bakairi e ficou subentendido que os indígenas queriam me levar até a terra deles. Não se sabia por que o neto os encorajou a fazer isso. Haviam me dado um mapa rodoviário do Brasil, onde estavam marcados a reserva indígena Xingu e o Rio Von den Steinen. As duas localidades estariam há muitas horas de distância de carro a partir de Cuiabá, conforme Franklin me explicou. Isso o preocupava e o fazia pensar num eventual discurso fúnebre uma vez que ele era o responsável pelo convite perante o fundo acadêmico brasileiro. Se não fosse um acidente de trânsito, então seriam latrocínios rurais, cobras ou alguma doença horrível que colocariam um fim à minha vida e à minha excursão.

Eu comecei a me preparar. Primeiro, reli o relato emocionante de meu avô em seu caderno de campo de quando jovem – provavelmente pela primeira vez em quarenta e dois anos: como ele viajou a partir de Buenos Aires de barco pelo Rio de la Plata, o Rio Paraná e rios menores até Cuiabá e de lá enfrentou os rigores de uma cavalgada de cinco semanas pelos planaltos quentes e secos do Mato Grosso até as cabeceiras do Xingu; como Antônio o acompanhou, um dos indígenas de origem Bakairi que viviam às margens do Rio Paranatinga e que haviam adotado os costumes dos colonizadores e falavam português; como eles alcançaram as nascentes do Xingu incrustadas na selva, quer dizer como eles toparam em florestas à esquerda e à direita do rio que apesar de se estendem por apenas algumas dezenas de metros eram muito densas e altas - para além estava apenas a floresta de mato baixo ou cerrado até chegar à região do Amazonas.

Antônio avistou uma árvore jatobá de cuja casca poderia ser feita uma canoa. Eles chamaram o acampamento que montaram para construir a canoa de Independência, porque era o dia da independência brasileira. Von den Steinen partiu com Antônio e um outro acompanhante no que era, como ele escreveu, um barquinho bastante miserável e remaram rio abaixo, a não ser quando correntezas mais rápidas obrigavam os três a desembarcar e carregar tudo na mão. O relato fala de selva, muitos pássaros e peixes, macacos, porcos, mosquitos e uma armadilha para peixes. Esta última indicava a proximidade de indígenas. Finalmente um deles apareceu à frente do grupo escassamente vestido, nu e bem equipado com flecha e arco em uma canoa bem construída, mas ele estava assustado. “Bakairi, Bakairi, kura Bakairi, ama Bakairi, ura Bakairi”, gritou von den Steinen como cumprimento: “Bakairi, Bakairi, nós somos Bakairi, você é um Bakairi, eu sou um Bakairi”. Aquele que os defrontou primeiro chamava Tumayaua e era o

líder dos Bakairi (Prima Bakairi). Ele os ajudou a conseguir uma canoa melhor e os levou até sua aldeia.



Lage des Bakairi-Gebietes

Von den Steinen enviou os outros dois de volta para buscar os companheiros e ficou uma semana na aldeia Bakairi. Parece ter sido um dos episódios mais felizes de toda sua vida de etnólogo. Os Bakairi no Xingu ainda viviam, diferente do grupo de Antônio no Paranatinga, sob condições que von den Steinen considerava totalmente originais, da “idade da pedra”, um pouco de agricultura (principalmente raízes de mandioca e árvores frutíferas), caça e pesca ligadas uma à outra. No tempo seco havia pouco trabalho e havia tempo para envolver os estrangeiros na vida interna. Meu avô aprendeu palavras úteis como “taserá” (área central da aldeia) ou “eti” (casa) e as escreveu em seu caderno. Eu, como neto, li e montei uma lista que acabou se compondo de duas dúzias de vocábulos. “Iwakulukulu” é “o melhor” - uma palavra engraçada que eu conseguiria usar com sucesso mais tarde. Meu avô precisava ainda se apropriar desse rico vocabulário. Ele falava e

fazia sinais, caretas, pulava e realizava tudo quanto é tipo de movimento e ao fim se sentava novamente. O que mais ele aprendeu com eles foi o que ele chamou de “Colegiado do Tabaco” (Tabakskollegium). À noite, os homens se agachavam em frente às cabanas, e ele também, fumavam (também para oprimir a fome, pois a farinha de mandioca não o satisfazia) e conversavam, enquanto se ouvia as mulheres baterem papo na casa comum. Minha mãe contou três histórias quando nós éramos crianças; eu as reencontrei no livrinho.

O assunto era sobre as aldeias às margens do rio Kulisehu e como se chegava a elas. Os dias cansativos de viagem foram descritos pelos indígenas com muita encenação. Von den Steinen, por sua vez, deveria explicar de onde ele vinha. A história da viagem de barco a vapor não era compreensível e foi acatada. Mas quando ele descreveu como eles cavalgaram a partir de Cuiabá durante cinco semanas, e ele precisou contar os dias de viagem no idioma Bakairi, só havia o um e o dois, para o “dois-um” para “três” e o “dois-dois” para “quatro” tiveram então que se utilizar dos dedos duma mão, da outra e por fim os dedos dos pés para contar todos os nasceres e pôr do sol. Só que os dedos dos pés não eram suficientes: assim ele teve que agarrar os fios de cabelo e exclamar “muitos, muitos, muitos!”, o que provocou risos e incredulidade.

Em segundo lugar, a história do machado: os Bakairi tinham apenas machados de pedra. A pedra para a lâmina não era encontrada no local, mas sim obtida por meio do comércio de longa distância através de uma cadeia de vários grupos indígenas. Conchas para cortar ficavam às margens do rio, mas não era possível construir e trabalhar a terra sem machado. Um indígena descreveu então com gestos como ele derrubou uma árvore, começando de manhã, horas e horas de esforço picando, como o sol o fez suar e como a árvore continuava de pé ao meio dia. Como então o branco com seu machado apareceu e com poucos golpes e sem se esgotar, deitou uma árvore parecida. Essa cena impressionou o europeu que, apesar de ser etnólogo, como herdeiro do século 19 acreditava de bom grado no progresso. Os indígenas obviamente gostariam de ter dele lâminas de ferro por meio de troca ou como presente.

Em terceiro lugar, minha mãe nos contou como os Bakairi ficavam tímidos ao comer. Após a distribuição dos pratos eles se separavam, se agachavam, se afastavam uns dos outros e não queriam ser vistos enquanto comiam.

Quem quiser saber como meu avô então continuou com os Bakairi quando os companheiros chegaram, como ele viajou para outras aldeias indígenas e que destinos ele experimentou, em parte feliz, em parte infeliz, e também quem quiser se encantar com mais memórias sobre as histórias dos Bakairi, que leia seu próprio relato.

Eu me preocupei em fazer várias cópias organizadas do livrinho, sendo fiel ao formato e layout e embalei o original comigo. Maria me ajudou a comprar o maior machado que se pudesse encontrar no Rio de Janeiro e eu o embrulhei de tal jeito que a coisa não pudesse ser reconhecida nos controles dos aeroportos e sem que os Bakairi pudessem perceber o que eu levava durante o trajeto. Nesse ínterim, tive diversas oportunidades de compartilhar minha pequena história e minhas grandes intenções em encontros no café da manhã do modesto hotel. Uma jovem norte americana muito bonita, que havia vindo ao Rio de Janeiro, para participar de um filme, havia entendido. Ela perguntou qual era meu signo e quando eu respondi “capricórnio”, ela disse: “é por isso”. Infelizmente eu não pude persuadi-la a conversar mais detalhadamente.

Franklin e Maria me levaram educadamente ao aeroporto às sete da manhã. Eles me deram dinheiro e bons conselhos e não deixaram de me provocar ainda mais com todos os tipos de visão de desastres. Como eu havia me preparado com otimismo ingênuo, Franklin afirmou afinal que eu nem chegaria a alcançar Cuiabá, porque os proprietários de terra no Mato Grosso haviam acabado de colocar fogo no mato e toda a região estava tomada por uma nuvem de fumaça de modo

que os aviões não poderiam aterrissar. Repeli as negatividades e decolei empolgado com machado e roupas leves.

II.

Quando finalmente cheguei em Cuiabá após algumas complicações, a anunciada etnóloga, professora Edir de Barros, esperava no aeroporto. Nós ainda ficamos um instante no *lobby* para combinar de nos conhecer mais tarde. Na manhã seguinte ela me levou de carro até os bairros pobres de Cuiabá: ruas feias e casas pequenas. De todo modo elas eram firmemente construídas; isso, algumas árvores e lojas me lembravam que ainda não se tratava das áreas mais pobres brasileiras. Crianças brincavam em toda praça sobre o asfalto empoeirado. Já estava quente e sentia-se o cheiro de fumaça.

Nós paramos em algum lugar em frente a uma casinha. À sombra do telhado da frente, uma indígena veio nos receber, uma senhora pequena, idosa, mas muito alegre. Os cabelos pretos, caindo em ambos os lados dos ombros, destacavam a largura do rosto com suas fortes bochechas. Ela era uma aparição magnífica. Sobre um vestido claro, velho, mas muito limpo, ela vestia uma corrente de conchas estupenda, a melhor com a qual ela poderia se apresentar em público. Fiquei irritado com a minha excitação por “querer-ter” essa peça de museu. Era a Vilinta, a neta de Antônio, o indígena Bakairi que acompanhou meu avô em suas viagens. Ao lado de Vilinta estava seu filho Estevan e atrás, dentro da casa, se empurravam filhos, netos e netas de todas as idades. Nós fomos conduzidos para dentro e, em respeito ao significado desse encontro até a inevitável televisão teve que fazer silêncio. Todos me foram apresentados, mas eu titubeei diante da tarefa de guardar todos os nomes.

Eu me apressei em perguntar sobre como eram as coisas, sobre a casa e seus moradores, sobre as atividades. A tentativa de me portar como etnólogo, porém, não deu muito certo. Rapidamente eles viraram o jogo e me faziam perguntas. A professora Pina de Barros traduzia e a coisa foi na direção de eu ter que desenhar e explicar a árvore genealógica da minha família. Depois, em contrapartida, a professora Pina de Barros desenhou a árvore genealógica de Vilinta – quer dizer, de Antônio – na notação etnológica correta. Não foi sem zelo didático que ela produziu uma estrutura ordenada em vez de um emaranhado de linhas como a minha árvore.

Por fim, Estevan primeiro enfatizou a importância da visita com um certo grau de solenidade e explicou como Von den Steinen havia sido importante para os Bakairi e como os Bakairi dão importância para a família. Ele então tinha quatro projetos a propor, os quais ele enfaticamente me recomendava seguir.

Primeira: as famílias de Antônio e Karl von den Steinen devem repetir a expedição do Xingu. Isso aproximaria as famílias e traria atenção de círculos maiores para a vida dos indígenas no Mato Grosso, principalmente na região do Xingu às margens do Paranatinga. Obviamente tal expedição não poderia ser feita imediatamente, pois precisaria de uma preparação. Eu pensava com meus botões nas características distintas dos herdeiros de Von den Steinen e gostei da ideia de deixá-los na dependência uns dos outros nas viagens de canoa pelo Xingu. Memórias de família seriam trocadas e talentos especiais emergiram.

O segundo projeto de Estevan consistia na ideia de me atribuir a responsabilidade de conseguir financiamento para que os Bakairi pudessem visitar o Museu Etnológico em Berlim. Eles queriam ver a coleção de meu avô. Eles não tinham a intenção de requerer os objetos de volta, que haviam sido trocados na época. Eles concordavam que as peças no museu poderiam ajudar os europeus a entender como era a vida dos

indígenas. De fato, os Bakairi haviam perdido quase todos seus objetos de antigamente e assim eles mesmos poderiam conhecer algo sobre seu passado. Mais uma vez, a ideia era realmente excelente, mas eu me envergonhei de não saber o que restava da coleção e sabia que já estava muito distante do meu ofício principal. Quanto tempo não exigiria a execução cuidadosa dessas propostas maravilhosas?

Terceiro, continuou Estevan impassível, os Bakairi gostariam de criar um centro cultural na sua própria terra, próximo ao Paranatinga e esperavam pelo apoio europeu.

Isso seria também necessário para, em quarto lugar, reformar um museu no Rio de Janeiro que existiria, mas que no momento estaria desativado.

Eu simpatizava muito com Estevan e assim anotei suas exigentes lições de casa. Depois discutimos como eu poderia ir para a reserva de Paranatinga; eu tinha 24 horas para pensar nas dificuldades da viagem. Nós nos separamos após muitos momentos amistosos.

Finalmente fomos almoçar com Vilinta no Manuel, um estudante argentino de Pina de Barros. O calor era espetacular ao sair de casa. Manuel nos ofereceu produtos de origem americana: milho e tomate. Com ele a conversa em espanhol ficou mais fácil. Ele fez seu doutorado sobre Karl von den Steinen e estava todo entusiasmado com seu trabalho. À minha pergunta sobre se Karl von den Steinen ainda estava negativamente ligado às ideias colonialistas e a um estilo de expedição que se diferia significativamente da observação participante moderna devido a sua companhia de soldados brasileiros e suas estadias em geral curtas com os indígenas, Manuel disse que, para a época, Von den Steinen tinha afinal um sentido de empatia surpreendente e que escrevia suas observações com vivacidade e fidelidade. Quando eu de novo tomei a palavra para falar sobre o desenvolvimento intelectual da geração seguinte, sobre as descobertas etnológicas de Malinowski e sua preparação por pesquisadores alemães, ele achou esse segundo passo menos importante do que o primeiro, que consistia numa mudança do mundo das coisas para o mundo conceitual dos indígenas e que o motivo para isso era que Lévi-Strauss também se interessava por Von den Steinen.

Fomos então para um cômodo mais fresco. Fui direcionado a uma rede para a sesta e Pina de Barros e Manuel cochilaram no chão. Após algum tempo eles pegaram alguns livros, entre eles, um sobre Von den Steinen. Vilinta, que até então tinha falado pouco, começou a explicar vividamente certas ilustrações. Eu levantei de minha rede e me ajoelhei junto ao grupo no chão. Manuel se divertiu ao estar entre a neta de Antônio e o neto de Karl e queria que ambos fossem fotografados. Ele parecia estar prestando homenagem à psicologia e também à parapsicologia e falava todo tipo de coisa sobre destino e estrelas.

Finalmente chegou o grande momento em que eu deveria encontrar os professores Bakairi. Desde 1985, os Bakairi estão autorizados a conduzir suas próprias escolas na reserva. Darlene Taukane, a segunda filha de Vilinta e a primeira indígena do Brasil com mestrado, autora de um pequeno livro sobre educação Bakairi, organiza há algum tempo um encontro anual com os professores Bakairi e demais trabalhadores da educação em Cuiabá, num projeto de formação continuada. Fiquei impressionado com o fato de que haveria quase trinta professores Bakairi, mas Pina de Barros explicou que a maioria não eram de fato docentes, mas agentes equipados com uma pequena renda pela Funai para contribuir de alguma forma com a educação em todas as etapas. Alguns estavam prontos para iniciar os estudos universitários propriamente ditos, outros sabiam muito pouco. Eu deveria fazer uma palestra sobre Karl von den Steinen. Desfeita a roda, a professora Pina de Barros parecia esperar o impossível de mim, mas por uma questão de honra, a coisa tinha que dar certo. Felizmente havia uma grande lousa na sala

onde os professores esperavam sentados com ansiedade. Elegantemente, Darlene me apresentou em português e Pina de Barros se propôs a transformar o meu espanhol truncado em frases em português.

Lembrando do sucesso no almoço eu comecei de novo com a árvore genealógica e, ao ter que falar de minha mãe, trouxe a história que havia ouvido dela como mencionado: risadas divertidas com o contar dos cabelos. Depois um homem se levantou e disse que falava apenas dois idiomas, não tantos quanto Von den Steinen no total (dizia-se que falava grego, latim, francês e chinês). Ele falava apenas Bakairi e português, em alemão apenas a palavra “Ja” (sim), mas “Ja!” era o que ele queria exclamar por ocasião da palestra. Eu respondi que não falava português, e espanhol no final das contas também não e que sabia apenas algumas palavras em Bakairi, que apareciam no livro de meu avô, mas uma eu sabia e queria falar agora: “Bakairi kura!” Assim eu fui recompensado com palmas e gritos. Nós comemos juntos e ninguém demonstrou timidez. Perguntei se a terceira história era então falsa, e Vilinta explicou que as famílias sempre comeram juntas, mas que de fato tinham vergonha de comer em público na presença de estranhos.

Na volta ao hotel a professora Pina de Barros me explicou como os Bakairi despertaram para suas origens apenas nos últimos vinte anos. Nos anos 1970 haveria apenas metade deles em comparação com hoje. Eles seriam hoje de novo novecentas almas, sendo que a metade tinha menos de vinte anos de idade, e depois de terem superado um ponto baixo teriam realizado uma virada para cima a partir da própria história. Houve tentativas de ajudá-los; eles permaneciam dependentes do governo e da Funai, pois o dinheiro que circulava entre eles vinha em boa parte dessas fontes. Por outro lado, seus planos e “projetos” de desenvolvimento não davam certo e um exemplo dessas tentativas foi o incentivo ao turismo. A professora Pina de Barros me assegurou que os Bakairi estavam profundamente sensibilizados com a minha visita. Afinal, eles veneravam Karl von den Steinen como seu personagem favorito. Darlene teria quase chorado. E a mim deram-me o nome de Karl von den Steinen, pois os nomes seriam herdados em toda linha, um tipo de caminhada das almas por meio dos nomes. Chamavam-me então Apalagado II. Apalagado seria o nome de um morro próximo a Paranatinga, sobre o qual Karl von den Steinen havia subido para apreciar a vista. Isto é apenas uma expressão geográfica, mas, eu pensei, sua utilização significa afinal que é possível traduzi-la como “o segundo a escalar montanhas inutilmente” e gosto disso porque esta é realmente uma paixão minha.

No dia seguinte eu decidi aceitar o convite amigável para visitar os Bakairi apesar da viagem cansativa e fui solicitado a estar pronto no hotel com uma pequena bagagem às 4 horas da manhã seguinte. Pina de Barros lembrou-me mais uma vez que para os Bakairi havia uma espécie de genuína hospitalidade amigável entre os homens, onde o reencontro de gerações por acaso tinha grande significado: isso seria uma confirmação valiosa dessa tradição. Nos últimos séculos os Bakairi teriam vivido muitos horrores. Neste ano havia ocorrido um eclipse solar – no Brasil parcialmente - e um eclipse colocaria em xeque a ordem das coisas. Então aparece o neto de Von den Steinen! Com essa história em mente, mas sem estar seguro do meu significado real, e com grandes expectativas, fui para o confortável hotel para uma breve noite de sono.

III.

Obviamente eu não dormi muito bem. Pouco antes das 4 horas da manhã eu estava no *lobby* pagando a conta do hotel junto a um atendente pouco impressionado. Então esperei lendo, com sono e com humor instável. Um telefonema informou que viriam me pegar logo. Pouco antes das 6 horas eu pude me servir do café da manhã e às 6 e meia fui pego às pressas pelo Estevan sem qualquer sinal de culpa. À frente do hotel estava uma caminhonete. Estevan subiu na carroceria e ficou em meio às bagagens, ao volante sentava seu primo Luís Antônio, muito mais jovem. Ao lado dele, com um rosto mais fino devido ao cabelo preso e vestida para viagem, Vilinta, e mais à direita na cabine havia mais um lugar para mim. No crepúsculo, dirigimos por uma série de estradas largas e esburacadas e abastecemos muito em um posto para caminhões, enorme e sujo.

Finalmente viajávamos interior adentro. Ainda larga e asfaltada, a estrada ia por uma planície ampla com arbustos. Ocasionalmente víamos um grupo de palmeiras e um jardim, que pertencia a uma pequena moradia em torno da qual havia crianças. As fazendas se destacavam com seus campos gigantescos, sabidamente com um único portão de acesso na estrada, a partir do qual se estendia um caminho até as casas dos empregados, estábulos e celeiros. Frequentemente essas construções eram tão longe da estrada que elas sumiam atrás do horizonte, ou então elas eram circundadas por um pequeno conjunto de árvores e mal se podia vê-las. Entrementes eu vi muitas áreas queimadas que observei com desgosto. Não se tratava de bosques onde se havia ateado fogo, mas sim campos de plantação que eram cultivados extensivamente do modo antigo. Agora, no tempo seco, se via os caules carbonizados de pequenas árvores ou arbustos entre os quais brotava verde na época de chuva. Havia apenas caminhões e ônibus, quase nenhum carro particular.

Depois de duas horas de viagem despontou uma cordilheira e a estrada começou a subir. Nas encostas crescia um matagal selvagem, entre pedras enegrecidas por queimadas prévias. Fizemos uma parada. Eu bebi água de coco. O sol já estava quente e, com o despertar do humor, o papo de viagem começou. A viagem continuava. Após a subida chegamos a um planalto e passamos por São Vicente depois de muitos quilômetros. Saindo da estrada larga em direção a oeste, dobramos para o norte em direção a Primavera entrando em estradas cada vez mais estreitas, mas ainda asfaltadas. Aqui víamos uma fileira interminável de fazendas gigantes. A plantação era de soja, como Luís havia me explicado, e também de algodão, porque bolas de algodão se estendem pelo caminho. A temperatura subia e os campos se abriam em uma luz leitosa e brilhante como se fosse uma força bárbara se expandindo para todas as direções.

Luís dirigia adiante e Vilinta permanecia quieta, calma e paciente. Porém todos nós nos divertimos quando víamos um grupo de emas nos campos ou quando passávamos por um bosque e cruzávamos um pequeno vale do Rio das Mortes. De novo campos, uma enorme fábrica agrícola lá dentro, com supermercado anexado, mas sem construções de moradia por perto, e então de novo campos vazios esperando a chuva. Às vezes também víamos gados magros e cavalos que pareciam não pertencer a lugar nenhum, mesmo eles tendo donos. A perspectiva de amplitude reforçava a impressão de que estávamos cobrindo longas distâncias, pois a estrada nos conduzia constantemente sobre colinas planas que primeiro apareciam de modo indefinido em uma névoa azul-acinzentada e logo ficavam para trás de novo. Quando o asfalto acabou, a via se tornou uma pista larga, are-

nosa e vermelha e os caminhões dançavam e chacoalhavam contornando os buracos. Luís se dava ao cuidado de encontrar o traçado onde a trepidação fosse mais suportável e que parecia ser menos perigoso. Nós encontramos de novo o Rio das Mortes, agora um rio de verdade, que corria velozmente sob as pontes da estrada. Entre trechos com pântanos estavam campos quentes e infinitos em toda sua aridez desolada, como se Deus tivesse criado essa terra com raiva. A própria estrada e os horrorosos postos de gasolina para caminhões onde hot dogs asquerosos, pacotes de biscoitos e bebidas em lata eram vendidos criavam a impressão de desolação e de velho oeste. Nós também passamos por campos onde os arbustos ainda queimavam e fumegavam. Para nos refrescarmos com o vento, as janelas ficavam abertas, mas tinham de ser fechadas rapidamente quando um caminhão levantando uma nuvem enorme de poeira vinha na outra direção. Na parada para descanso servi-me de arroz e feijão preto apesar das moscas, evitei a salada e bebi da lata. No chão seco, um galo e três galinhas ciscavam entre o lixo no pátio.

Por fim, depois de mais uma subida que novamente proporcionou uma bela vista, chegamos pouco antes das três horas da tarde em Paranatinga, onde os Bakairi ou amigos deles têm um hotel. Em algum lugar por aqui, então, meu avô tinha escalado aquele morro e contratado o Antônio. De frente ao hotel estavam sentadas cinco mulheres Bakairi, entre elas uma tia de Estevan. Eu me apresentei usando minhas mais belas palavras Bakairi, e nos sentamos juntos de forma calorosa e amigável na sombra, enquanto os dois homens levavam a caminhonete para reparos e Vilinta sumia para fazer compras na localidade.

Após duas horas de parada em Paranatinga nós dirigimos adiante e agora com duas caminhonetes. A outra trazia o escrito “Kurâ-Bakairi” e era dos companheiros. Outras e outros indígenas vieram repentinamente e se acomodaram sobre as carrocerias dos dois veículos. Vilinta também se sentou com suas amigas atrás, enquanto na cabine iam Estevan ao volante, eu e Carlos, o marido de Vilinta. Eu achei que não deveríamos estar tão longe da aldeia, mas eu me equivoquei. Agora se via por que o experiente Estevan se sentava ao volante, pois a pista foi ficando estreita e os buracos aumentavam. Eu sapateava distribuindo meu peso sobre as pernas para compensar o chacoalhar, mas Carlos se sentava calmo e em silêncio ao meu lado, como se ele fosse uma estátua grudada ao carro. Logo escureceu. Através dos faróis, durante horas ainda era possível enxergar à direita e à esquerda os portões e os caminhos que levavam às fazendas. Finalmente foi feita uma curva. Aqui começava a terra indígena, anunciou Carlos. A pista reduziu-se a duas trilhas paralelas, o meio do caminho estava tomado pelo mato. De vez em quando víamos um pássaro alçar voo diante da luz. Parecia haver muitos riachos, porque o caminho subia e descia. Estevan dirigia tão rápido quanto fosse possível sem interrupção, e na descida era possível reconhecer pinguelas que não eram de se confiar considerando o peso de uma caminhonete. Uma vez a queda pareceu próxima, quando Estevan perdeu a primeira tábua com uma das rodas da frente e pálido e agitado engatou a marcha ré.

Uma pequena cachoeirinha branca apareceu no escuro, algumas casas e finalmente chegamos no nosso destino, em Pakuena. A casa de Carlos e Vilinta era feita de um telhado abaixo do qual havia paredes que eram apenas um pouco mais altas do que os mais altos de nós, de modo que ficava uma fresta entre o telhado e as paredes ao redor de toda casa por onde o vento fresco da noite podia entrar. As janelas estavam trancadas com esquadrias. Entramos com lanternas, algumas velas queimaram sobre latas. Era quase nove horas da noite e estava profundamente escuro. O silêncio total dominava, pois toda a localidade dormia. Os ca-

chorros acordaram com a nossa chegada e cheiravam por todo canto, gatos passavam para lá e para cá e ouvia-se o canto dos grilos. Com o frio, vinha um vento suave. Não havia barulho de ar-condicionado, nenhuma televisão que nunca desligava. Nessa paz, eu estava nas nuvens. Finalmente tranquilidade, silêncio vívido, proximidade familiar - um sentimento maravilhoso de gratidão depois da série ininterrupta de noites terríveis, atrapalhadas pelo progresso técnico.

Arrumaram o quarto principal para mim, onde havia duas armações de cama, mas me deixaram dormir em uma rede devido a um desejo ocasional meu. Ainda ofereceram um pouco de arroz e feijão, mas logo todos se recolheram para dormir. Não foi o meu primeiro sono, mas sim minha primeira noite completa em uma rede. Quando eu dormia, dormia muito profundamente e deliciosamente. Só que eu, infelizmente, ficava acordando após algumas horas, porque meus joelhos esticados doíam, enquanto minhas costas gostaram de se aconchegar na curva da rede. Eu achei então uma maneira de mudar de posição, com um solavanco eu me balançava e caía de novo no sono gostoso.

No nascer do dia fresco às cinco e meia da manhã acordei animado com os demais. Há bastante tempo já se ouvia os galos cantarem, os pássaros piando. Enquanto me lavava eu lancei o primeiro olhar sobre a paisagem vasta, para além do vale do Paranatinga. No café da manhã havia um pouco de café com leite em pó e água quente adicional, pão, queijo e um pedaço do meu melão. Vilinta teve muito cuidado para garantir meu conforto. Eu vi então que a casa havia sido construída em paralelo com a via, com uma entrada no meio e de cada lado, à esquerda e à direita, um quarto pequeno (minha rede estava pendurada no quarto direito). Na parte de trás foi instalada uma cozinha alta e grande, evidentemente de tipo simples, pois o telhado era de zinco, o chão de terra batida e as paredes eram finas e vazias. Havia um fogão ligado a um botijão de gás e, um luxo especial, uma geladeira que também funcionava com gás, o que obviamente parecia não funcionar. Eu entreguei à Vilinta e ao Carlos o meu presente como hóspede: Carlos recebeu o machado, depois de eu contar a história pantomímica do machado de pedra. A palavra para “machado de pedra” era “iragaga”, explicou Vilinta, a quem eu dei uma mosquiteira e uma cópia do caderno de campo da expedição do meu avô. Esse presente foi o que mais impressionou e Vilinta fez questão de perguntar se ela poderia ficar com ele.

Estevan me levou para um passeio de manhã. Primeiro andamos até o rio Paranatinga, que vinha da cidade de mesmo nome e por isso ele é um pouco sujo, mesmo que não tanto quanto há alguns anos. Um pescador estava agachado sobre as pedras na margem abaixo do barranco, exatamente como meu avô o havia descrito, quer dizer, sem vara, mas habilmente lançando com a mão a linha de pesca. O rio fazia uma curva e dali virava um córrego, de modo que de onde estávamos víamos três passagens de água envoltas por árvores. Era muito bonito e do outro lado - o rio tinha a largura de um bom arremesso de pedra - a água corria rápido e em ondas, de modo que eu percebia que era raso e cheio de pedras e já pensava onde seria o melhor lugar para nadar. Porém, Estevan virou e retornou para a aldeia. Passamos por um pequeno campo onde a grama baixa havia sido queimada. Eu olhei acusadoramente para a cena enquanto Estevan, um pouco envergonhado, murmurou algo sobre a agricultura tradicional. Então ele iniciou uma conversa com um indígena idoso, que parecia ser o dono da terra ou a quem o terreno estava confiado. Obviamente eles falavam em Bakairi. Eu pude entender apenas a menção repetida do nome de Karl von den Steinen e olhei em volta. Nós estávamos no fim do caminho de onde ontem a caminhonete tinha vindo e avis-

távamos a vila ao olhar de volta. Essa era aparentemente a última cabana e o último campo antes do caminho chegar ao rio. Nós subimos o caminho e Estevan parava nas casas e cumprimentava os moradores, me apresentava e contava algo em que se ouvia o nome de Karl von den Steinen. Eu tive tempo de me encantar admirando pequenas crianças. Além de mamão, havia manga e outras frutas que eu não conhecia. Estevan contou que era a comunidade que determinava quem pode fazer uma nova construção em qual lugar ou se é permitido aumentar uma casa. Muitos precisariam construir, pois a população estaria crescendo.

Continuando pelo caminho com Estevan, chegamos de volta à caixa d'água, que já dava para ver quando chegamos na noite anterior. Ao lado havia um decente e pequeno sistema gerador de eletricidade solar que bombeava a água subterrânea para o tanque de onde ela fluía para as casas. Impressionado, perguntei ao Estevan sobre a eletricidade. No passado tinham um gerador, foi a resposta. Ele estaria quebrado e foi requisitado às autoridades que a rede da aldeia fosse ligada à rede elétrica da região, só que o governo não estaria pronto para financiar essa conexão cara. Enquanto isso haviam conseguido esse sistema fotovoltaico para o abastecimento de água, as necessidades de iluminação e televisão tinham que aguardar. Eu me felicitei por cair nesse lugar, mas obviamente não tive coragem de compartilhar meu sentimento.

Do lado da caixa d'água, bem cercada, havia uma pista de pouso com 1100 metros de comprimento conforme Estevan. O chão era ali razoavelmente plano e a grama crescia em meio ao restolho do mato cortado. Aparentemente um médico poderia pousar assim e era possível levar feridos e doentes ao hospital. Por esse motivo a enfermaria, algo dilapidada, que se avistava na borda da aldeia não estava mais em uso. Então me mostraram o curral e o gado cercado, que contava com por volta de duas dúzias de vacas. Eram bovinos de corcova/cupim, preto e branco que pareciam bem saudáveis, mas não de um jeito que parecia que dessem muito leite ou carne. Em outro local cercado permanecia o touro tranquilamente com duas vacas. Estevan disse que ele pertencia à sua família. Aqui se via também uma verdadeira roça da família, com mandiocas plantadas. Então chegamos de volta à área central, o centro da aldeia. A escola estava deserta, porque os professores eles mesmos estavam tendo aulas em Cuiabá. Nós não pudemos entrar. O lugar abriga duas salas de aula, com janelas fechadas. Era inevitável que crianças de idades diferentes tivessem aulas juntas, como nas escolas de vilarejos europeus. Junto à área central também ficava a tradicional casa dos homens. Era a única construção que foi erguida totalmente no estilo dos antigos indígenas Xingu.

Esse passeio deve ter levado umas três horas; já eram quase dez horas da manhã e de repente eu senti o calor e o cansaço em todo o corpo. Era hora de encontrar um lugar na sombra. Estevan, que entendeu isso imediatamente, me levou para uma casa vizinha que estava sendo ampliada. O novo telhado já estava sobre suas hastes, e pequenas paredes foram erguidas com todo cuidado. À sombra da nova construção ele pôde papear com os pedreiros no idioma Bakairi; o assunto da conversa era o mesmo, como era possível de supor pela menção ao nome de Von den Steinen. Enquanto isso, fiquei sentado no chão me recompondo.

Depois dessa visita Estevan me levou de volta para a casa de Vilinta. Eu me sentei em uma cadeira e escrevi um pouco na sombra. A aldeia parecia ficar ainda mais silenciosa de quando era de manhã; estavam se preparando para o almoço e para a sesta. De novo eu me senti feliz e confortável e apenas lamentava que meu pouco conhecimento do idioma – ou minha falta de talento para lidar com

as poucas palavras – me impedia de ficar mais próximo dessas pessoas tão simpáticas, com conversas mais livres e profundas. Vilinta tinha então armado um almoço festivo – quer dizer, em toda simplicidade se percebia seu desejo de fazer dessa refeição uma ocasião comemorativa. Tinha macarrão na panela, arroz e frango assim como os sempre apetitosos feijões pretos. Comi todas as opções com gosto, só a bebida que me mantive na água morna da minha garrafa de plástico. A mais gostosa de todas para mim era a mandioca, que eram descascadas e podiam ser cozidas e comidas como batatas. Como eles limpavam e removiam o veneno leve que tinha na mandioca eu não pude realmente observar. Também tinha farinha de mandioca. Vilinta parecia satisfeita com o fato de eu gostar justamente da mandioca; todas as plantas sobre as quais Estevan tinha falado e que tínhamos visto cresciam na horta deles. Depois do almoço estava muito calor e eu me retirei para a rede. Dormi bem durante uma meia hora e balancei por mais outra meia hora.

Quando a temperatura atingiu o máximo por volta das 14 horas, fui levado pelos jovens homens para nadar. A aldeia estava alegre por causa das crianças. Os mais velhos vieram junto para o rio. Na margem, por onde descemos sobre pedras, o rio passava devagar, barrado por uma barreira de pedras natural. Do outro lado a correnteza era forte, de modo que eu nadei desse lado com cuidado. Quando desci um pouco, percebi que do outro lado a água corria rápido porque lá havia muitos pedregulhos e só era possível andar se apoiando no chão. Eu nadei até lá, levantei-me da água e olhei de volta para o ponto de partida. Lá se ensabonava um de meus acompanhantes, um indígena grande e gordo com o nome curioso de Euklides. Era possível se divertir com a cena colorida (cabelo preto, barriga marrom, espuma branca e água verde) e com sua risada. Então descobri para o meu lado, que uma toaleta cuidadosa não era o único motivo pelo qual os outros não haviam me seguido: bem na altura em que eu estava se encontrava uma reentrada na margem do lado da aldeia, e lá aparentemente era o local de banho das mulheres, onde duas mergulhavam naquele instante. De fato, à primeira vista elas não se preocuparam comigo, mas elas deviam ter me percebido. Assim, ciente da gafe, voltei rapidamente pela parte funda e nadei para a parte dos homens e quando me aproximei nadei no estilo borboleta e fiz outros truques para disfarçar minha mancada. Logo um dos homens queria aprender comigo o nado borboleta, enquanto Euklides mergulhava, de modo que as bolhas de sabão desceram com a correnteza; então ele se levantou e se sacudiu e afirmou que ele era um homem famoso; o outro era um matemático.

Depois do mergulho voltamos e nos sentamos na sombra na casa da Vilinta, onde parecia ser o lugar mais fresco a essa hora. Logo apareceu outro divertimento: de onde eu estava na sombra eu vi o Luís selar e montar um cavalo. Sacaram meu olhar, um segundo cavalo foi preparado – por sorte um pangaré muito dócil, pois fazia anos que eu não montava um cavalo –, e cavalguei orgulhoso com Luís a partir do terreirão até o “aeroporto” e de volta. E nisso me dei conta, mais uma vez, de como entre os Bakairi, riqueza e pobreza se conectam de modo curioso. Aqui não havia um haras para criação de cavalos, e se cavalgava do jeito que se estivesse vestido. Mas prazeres senhoris como caça e cavalgada eram acessíveis a todos. Aquilo com o que os economistas do século 18 e mais tarde Karl Marx se maravilhavam nos indígenas, de modo que eles não precisavam se submeter à divisão do trabalho, mas podiam caçar hoje pela mata, pescar amanhã e cultivar seus campos entre suas festas, parecia estar preservado aqui. Quando trotamos de volta, Vilinta já esperava para me apresentar a uma amiga. Era uma indígena anciã e curvada, nascida às margens de uma das nascentes do Xingu, antes de os

Bakairi serem perseguidos no começo dos anos 1920 ao longo do Paranatinga. Ela não falou muito, mas sorria para mim, enquanto Vilinta me dirigia a palavra. Então eu fui apresentado ao líder, o Prima Bakairi e seus colegas de trabalho na casa da comunidade Kura Bakairi. Eu lhe apresentei com a última cópia do relato de meu avô para ser guardada no arquivo da comunidade, ao qual eu pude finalmente lançar um olhar mais cuidadoso: mostraram-me uma ilustração de uma cidade francesa onde se via um desfile dos Bakairi. Essa cidade realiza anualmente um festival folclórico, para o qual são convidadas comunidades de todo o mundo – a cada ano uma diferente – para desfilar, dançar, cantar e se mostrar. Dessa forma, no ano anterior, doze Bakairi foram para a Europa, entre eles Prima. Eles visitaram Paris e Frankfurt e, semelhantemente, eles imaginavam realizar uma viagem para Berlim.

Então Vilinta me mostrou sua plantação de mandioca. Começou uma nova volta a pé pela aldeia, desta vez pela via. Aqui nós encontramos pela primeira e única vez alguém que queria receber um presente. Vilinta me conduziu adiante rapidamente e permitiu que ele apenas trocasse endereços comigo. A quantidade de crianças em cada casa me alegrava. Novamente encontramos o líder entre os seus. É muito difícil ser o Prima dos Bakairi, ele disse pensativo ao responder minha pergunta. Apenas em uma das casas Vilinta passou reto, mas os cachorros latiram tanto que nós voltamos e também cumprimentamos seus moradores. Era a cabana para os de fora. Essa família vinha de outra aldeia Bakairi e ainda não havia sido integrada a essa. Como havíamos nos cumprimentado, a conversa foi amistosa como com os demais.

Já havia anoitecido e nas casas o fogão estava aceso e as velas iluminavam. Eu dei uma pequena volta noturna e admirei mais uma vez o céu estrelado do hemisfério Sul, que curiosamente me pareceu a coisa mais estranha de todas com as quais me deparei em toda viagem. Luís me mostrou o Cruzeiro do Sul, que pairava sobre o rio. Nós demos alguns passos nessa direção, para que o céu não ficasse encoberto pelos mamoeiros e aproveitamos o silêncio da noite. Vilinta havia preparado um jantar com mandioca. Nós comemos brevemente e pouco; então a conversa rumou para assuntos mais sérios, na medida do que a compreensão permitia. Primeiro tratou-se de novo sobre as famílias e seus destinos, e da esperança de uma aproximação entre os descendentes de Antônio e de Karl von den Steinen. Por fim, Vilinta fez uma longa oração, parte em Bakairi, parte em português e pediu proteção para minha viagem e minha família. Então fomos dormir.

Mais tarde me ocorreu que eu fui envolvido nessa conversa provavelmente porque eu tinha à tarde feito mais um passeio com Estevan até a casa dos homens. Eu tinha perguntado como a cristandade e a tradição Bakairi se ligam e Estevan respondeu que eram católicos, mas que exigem que seus rituais também sejam respeitados. Afinal, trata-se de viver junto nessa terra e não de se dissolver unilateralmente dentro da igreja. Obviamente eu concordei vividamente e com isso entramos na casa dos homens. Ao final da tarde estava bem escuro lá dentro. As máscaras nas paredes e os instrumentos musicais dos rituais podiam apenas ser percebidos, mal podiam ser vistos. Nas festas os homens dançam com mantas de pena e máscaras, que representam diferentes pássaros; em outra ocasião eles se amarram uns nos outros numa espécie de cobra com uma tromba; o tubo dela que marca o último da fila estava pendurado na parede. Com sua altura impressionante e o telhado alto, por onde vinha alguma claridade ainda, o espaço dava a impressão de uma catedral em comparação com uma casa familiar ou pequenos

prédios. Eu disse isso ao Estevan que acatou a comparação com satisfação. - Estevan deve ter contado sobre esse episódio à Vilinta e sua prece representou então o lado cristão desse habitat.

Eu me deitei na rede, com as costas confortavelmente curvas e pernas desconfortavelmente esticadas, e rememorei as diversas impressões do dia de olhos fechados. Um rádio a bateria de longe atrapalhou por pouco tempo a calma e então o grande silêncio voltou como na noite anterior, sem que interrompesse o som dos animais, que falava à consciência.

Na manhã seguinte Carlos e Vilinta estavam de pé diante da porta e me deram um banquinho em forma de pássaro, do tipo que costumava ser usado pelos Bakairi para sentar. Eu agradei de coração e reconheci o que me davam, porque tinha visto este tipo de banco em ilustrações, naturalmente maior e pintado. Era um presente nobre.

Fomos então chamados para o café da manhã. Acontecia um batismo-Bakairi: uma criança era mostrada para o sol (*tschi-tschi*). O dia já estava clareando, mas o sol ainda não despontava acima do horizonte. Apressadamente nós descemos a via para onde toda a aldeia já estava reunida em frente à casa da criança. Contaram-me que ela havia nascido um mês atrás em Cuiabá e já tinha recebido seu nome em português. Ficamos de pé em um grande semi-círculo diante da casa. O Prima passou de um em um distribuindo milho de uma cesta. Então ele também se posicionou no semi-círculo e a mãe apareceu com a criança, acompanhada de Vilinta que carregava uma flecha bonita, parecida com uma lança. A criança foi estendida na direção do sol. Nós viramos e percebemos que ele estava realmente prestes a despontar. Murmurando preces todos jogaram um pouco do milho na sua direção a leste. Então todos viraram a oeste, finalmente ao sul, também jogando o milho e murmurando. A súplica não era mais levada tão a sério, porque muitos riam um pouco, mas todos continuavam participando. A família então se reuniu. Houve comemoração e conversa. A mãe e a criança logo sumiram e de repente me disseram para eu me apressar, pois eles queriam ir embora. Isso me desanimou um pouco, porque me vi sentado de novo na caminhonete, na frente com Estevan e Luis, levando outros três Bakairi na carroceria, entre eles Euklides, e eu não sabia ao certo se tinha comigo todos os meus pertences.

IV.

Nós dirigimos durante o dia de volta pela estrada pela qual chegamos à noite. Agora eu via que os caminhos formavam uma rede e que faziam longas curvas entre o matagal e os arbustos. Aqui poderia ser plantado um pouco em qualquer local. Frequentemente se via uma parte queimada do campo, que se destacava pouco em meio a toda a vegetação. Quando chegamos à fronteira, demarcada por uma cerca simples (um arame amarrado a estacas), percebi que a linha divisória separava dois mundos de paisagens diferentes. De um lado, a mata selvagem, de onde vínhamos, do outro, os enormes e vazios campos. Continuamos adiante conforme o dia esquentava. Aos poucos meu descontentamento foi diminuindo e eu admirava a paisagem que se transformava gradualmente em um terreno montanhoso com arbustos, riachos e pássaros. Três horas depois chegamos em Parana-tinga e paramos nas primeiras casas junto a um moinho. Lá eram carregadas principalmente mandiocas ensacadas, pesadas e trocadas por sacos de arroz.

Então chegamos ao hotel que mal merecia o nome “Palace”, mas que tinha um quarto simples com três camas e uma ducha. Lá eu me instalei confortavelmente. Quando já havia me refrescado, Estevan e Luís me levaram para almoçar

(de repente lá estava o Euklides de novo). Comida tradicional do povo: arroz e feijão preto, diferentes tipos de carne cortada no espeto e salada. O proprietário era de origem austríaca e ainda falava um pouco de alemão, apesar de não ter visto muito da Europa. Fiz então uma sesta com Luís e Estevan, depois deles também se beneficiarem de uma ducha e troca de roupas. Luís me acompanhou até o ônibus. Estevan ainda tinha o que fazer e apenas acenou. Não foi uma despedida com choro; os indígenas me pareceram curiosamente sem preocupação com a formalidade nessa e em outras ocasiões, mesmo no ritual.

O ônibus partiu da estação e da cantina pela rua principal em direção à pista e acelerou em linha reta, não como nossa caminhonete evitando os buracos, mas estrondeando e batendo por sobre eles. Nós atravessamos a mesma paisagem ampla, deixando uma nuvem de poeira enorme e encarando a poeira dos outros carros com janela fechada, paramos nos mesmos postos e lugares feios e escassos que já eram conhecidos. Em Primavera troquei de ônibus já tarde da noite. Na baldeação alguém gritou “Xingu!” para mim. Todos os turistas que passavam por aqui tinham algo a ver com o Xingu, explicou o homem um pouco malvestido quando olhei com ar de dúvida. Um pouco abalado no meu orgulho de descobridor, subi no outro ônibus. Este não estava caindo aos pedaços, mas era moderno, mais bem estofado e com ar-condicionado, mas infelizmente também tinha uma TV, que teria me estragado a viagem caso eu não tivesse conseguido dormir - era bem tarde da noite. De frente à rodoviária em Cuiabá havia uma fila de táxis esperando. Pagava-se uma tarifa em um escritório antes e, apesar dos avisos tensos, eu fui levado rapidamente, com segurança e confortavelmente até o hotel e todas as facilidades da civilização.

De manhã eu fiz minha mala e escrevi um pouco. A professora Pina de Barros e sua filha me buscaram por volta da uma da tarde. Nós fomos almoçar e eu contei, parte em francês, parte em inglês, parte em uma mistura de espanhol com português e emergencialmente italiano, como havia sido, toda minha história. Os comentários de Pina de Barros explicaram diversas coisas, como por exemplo porque Estevan me levava por uma rua e Vilinta por outra: eu deveria ser apresentado a todos os habitantes de modo igualitário. O banquinho, que Vilinta e Carlos haviam me dado, seria de posse apenas de lideranças e apenas pessoas importantes poderiam se sentar nele em cerimônias. Os objetos de antigamente tinham se tornado raros. Ela sabia, no entanto, que alguém deles tinha guardado um machado de pedra. Por essa razão seria difícil para os Bakairi fundar um museu; para tanto os objetos pertencentes a cada um deles deveriam ser juntados.

Finalmente demos uma volta por Cuiabá, apesar de haver pouco tempo de sobra. Nós observamos e fotografamos cuidadosamente um monumento de bronze que representa um conquistador com espingarda, um trabalhador e um indígena Bororo; este último soprava numa espécie de trompete. A professora Pina de Barros explicou indignada que as pessoas em Cuiabá achavam que se tratava de uma garrafa e que a figura do Bororo era de um bêbado. Só que era o instrumento musical mais sagrado dos Bororo. Ela queria escrever um livro sobre esse tipo de discriminação, que vem desde o começo, e esse monumento deveria aparecer na capa. Finalmente nós dirigimos até o aeroporto de Cuiabá. Nas proximidades há um museu do artesanato local - que infelizmente não pudemos mais visitar - e no próprio porto, no antigo galpão portuário, há um museu dos povos originais com relatos de festas locais. Karl von den Steinen deve então ter estado por esses espaços quando ele viajou no barco a vapor a partir de Buenos Aires para fazer a longa cavalgada no planalto de Mato Grosso até a área do Xingu.

Pina de Barros e sua filha me levaram até o aeroporto e, após uma despedida amistosa depois de eu ter feito o check-in, se retiraram rapidamente – lá fora fazia bons 40° C. e o aeroporto não tinha ar-condicionado. Foi um longo voo de volta devido a diversas escalas, principalmente em São Paulo, mas no Rio a Maria e a Bianca, uma amiga dela, me buscaram.

V.

Nos dias seguintes eu não deixei de visitar as igrejas, mosteiros, o Museu Histórico com sua linda visão do Rio colonial e suas memórias sobre a glória e imponência dos dois imperadores brasileiros, e eu até compreendi melhor a geografia complicada do todo quando admirei as montanhas, as baías e as áreas da cidade a partir do Pão de Açúcar e de outros pontos turísticos.

Finalmente estive também no Museu Nacional, que contém a maior coleção dos povos originários no Brasil. Lá eu visitei o Dr. Carlos Fausto, um curador e editor do periódico do museu, que se interessa especialmente pela região Xingu e por Karl von den Steinen. Ele ouviu meu relato de viagem com interesse, completou algumas coisas e disse que Karl von den Steinen foi muito mais do que apenas um escritor-viajante positivista. Junto aos Bororo, ele teria encontrado uma frase que seria fundamental para entender o pensamento indígena conforme Lévi-Bruhl e depois Lévi-Strauss (em *La Pensée sauvage*). Por isso, Fausto ficou agradecido pela história de família relacionada com meu avô e pediu para que eu lhe enviasse todo material sobre Von den Steinen que poderia ser relevante para ele enquanto etnólogo. Sua esposa, uma linguista, estava naquele mesmo momento na região Xingu e ele, como etnólogo, ia frequentemente à região do Amazonas. Sua esposa iria publicar um livro em março próximo sobre a reserva Xingu que conteria novas informações. A reserva teria uma paisagem maravilhosa e seria muito mais bonita que a Amazônia, com seus lagos e rios claros, matas ciliares e deltas lindos que surgem na confluência dos rios. O mais interessante é que os indígenas dessa região formaram uma cultura em comum desde tempos remotos, apesar de que cada grupo de certa forma falava não só um dialeto diferente, mas línguas radicalmente distintas. Haveria um comércio comum, formas semelhantes de assentamento e casamentos cruzados seriam comuns desde há muito tempo, o que levava a novas gerações bilíngues. Hoje seria importante observar as fronteiras da reserva (três mil quilômetros quadrados) como de algum modo seguras. Os moradores teriam virado “indígenas-hightech”, que se mantinham ligados fortemente às estruturas sociais antigas, mas que também dispunham de aparelhos fotovoltaicos e televisores. Eles gostam de viajar, principalmente os líderes, e já haviam visitado por exemplo ele e sua esposa no Rio. Muito permaneceu, como por exemplo o conflito entre grupos que Karl von den Steinen tinha mencionado, mas que hoje seria apenas latente. Os grupos que naquela época eram vistos como estrangeiros continuariam sendo considerados assim hoje.

Na região Xingu os grupos também tentam fundar associações e estão ocupados em elaborar projetos para captação de recursos. Carlos Fausto achou os quatro projetos que me foram sugeridos muito bons: que as famílias realizassem uma expedição juntas, que alguns dos grupos deveriam visitar Berlim - tudo isso lhe pareceu fazer mais sentido do que muitas outras coisas. Então eu me empenhei na segunda tarefa e mobilizei para que uma delegação Bakairi fosse convidada para a exposição “Alemães no Amazonas” no Museu Etnológico de Berlim. Os organizadores da exposição estavam de acordo, eu encontrei um patrocinador, só

que a embaixada brasileira não conseguiu arrumar os passaportes para os indígenas junto à agência governamental responsável, apesar do embaixador suíço também estar me apoiando. E assim, a minha viagem, que havia começado com palestras sobre a teoria da economia política no Rio de Janeiro, terminou em um problema cuja solução prática ficou faltando. Afinal, por que os indígenas brasileiros - e nem mesmo os Bakairi, que alcançaram um desenvolvimento pacífico após tantas lutas em sua reserva - não são livres para viajar para o exterior assim que quiserem?

Recebido em 15 de fevereiro de 2021.
Aprovado em 20 de setembro de 2021.

Referências

DE BARROS, Edir Pina. *Os filhos do sol. História e cosmologia na organização social de um povo Karib: Os Kurâ-Bakairi*. São Paulo: Edusp, 2003.

HERMANNSTÄDTER, Anita (ed.). *Deutsche am Amazonas - Forscher oder Abenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914. Begleitbuch zur Ausstellung im Ethnologischen Museum, Berlin*. Münster et al: Lit (Veröffentlichung des Ethnologischen Museums Berlin N.F. 71.), 2002.

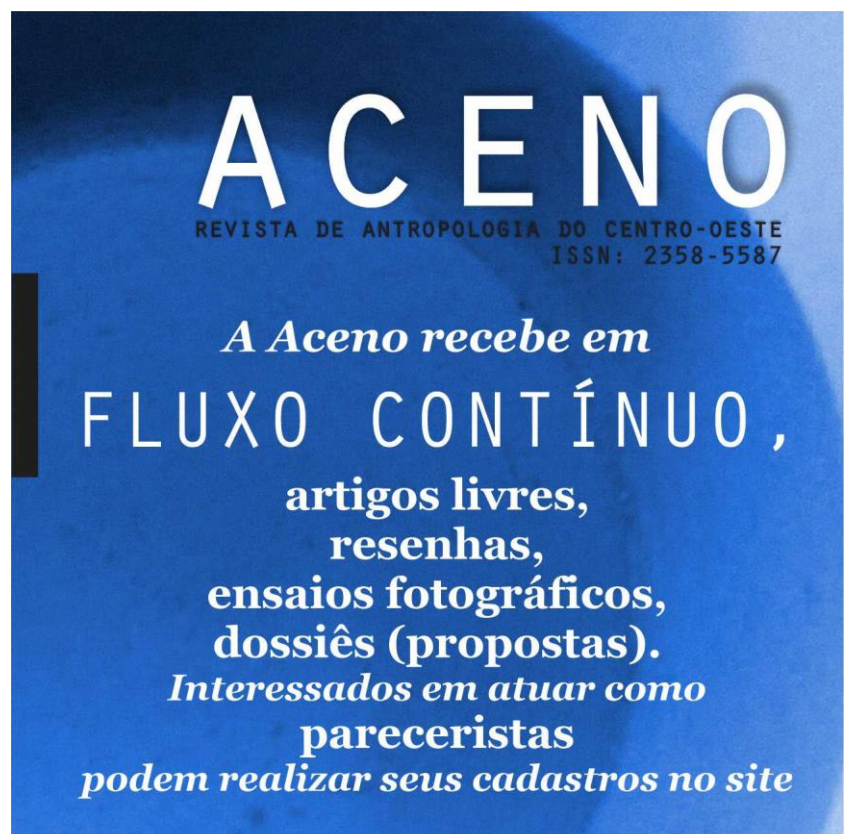
SCHEFOLD, Bertram. Auf den Spuren von Karl von den Steinen. Ein Besuch bei den Bakairi (Brasilien), *Paideuma*, Bd. 49: 229-248, 2003.

TAUKANE, Darlene. *A história da educação escolar entre os Kurâ-Bakairi*. Cuiabá: Edição da Autora, 1999.

VON DEN STEINEN, Karl. *Bei den Indianern am Schingú*. Aus dem bei Dietrich Reimer (Ernst Vohsen) in Berlin erschienenen Reisewerk Prof. Karl von der Steinen über die Zweite Schingú-Expedition 1887-1888. Köln: Hermann Schaffstein, n.d.

VON DEN STEINEN, Karl. *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig: FA. Brockhaus, 1886.

VON DEN STEINEN, Karl. *Unter den Naturvölker Zentral-Brasiliens. Reiseschilderungen und Ergebnisse der Zweiten Schingú-Expedition 1887-1888. Zweite Auflage als Volksausgabe*. Berlin: Dietrich Reimer, 1897.



ACENO
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).
Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site